

in NICO, B. (1996). A entrada na Universidade: vocacionalmente um fim ou um princípio? in Leandro Almeida et al (Orgs.). *Atas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

## A ENTRADA NA UNIVERSIDADE: VOCACIONALMENTE UM FIM OU UM PRINCÍPIO?

José Bravo Nico<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresentar-se-ão os resultados, ainda parciais, de uma investigação que se tem vindo a desenvolver junto de alunos dos cursos de licenciatura da Universidade de Évora e que tem como objectivo verificar como se repercute no desenvolvimento vocacional destes indivíduos a sua entrada na Universidade. A par das opções vocacionais descrevem-se os processos de tomada de decisão, os meios informativos a que os alunos recorrem e as suas percepções quanto à necessidade de orientação escolar e profissional, por exemplo. A entrada na universidade parece ter correspondido a mais um patamar que se ultrapassou na consecução dos objectivos que fazem parte do próprio projecto de vida dos alunos.

A Universidade do presente é uma realidade cada vez mais diferente daquela a que habituámos. De facto, na última década, a Universidade portuguesa viu-se confrontada com um número cada vez mais elevado de discentes, cujo principal objectivo não será propriamente a capacitação para a produção do saber, mas tão somente a procura de uma informação cada vez mais indispensável à sua participação nos projectos colectivo de sociedade e individual de realização pessoal e profissional. O mundo universitário português, outrora restrito e elitista, tem vindo a assumir características massificantes, as quais têm vindo a transformar, lenta mas inexoravelmente, as atitudes, os comportamentos, as normas e, inclusivamente, o estatuto da instituição e dos seus membros.

Este movimento de pressão, de cariz profissionalizante, que afecta a Universidade do presente, é referido em 1987 pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O.C.D.E.) num estudo intitulado "*Quel Avenir pour les Universités*", onde se refere que o papel intelectual das Universidades e a minimização dos aspectos sociais tradicionais e colectivos tem tendência a aumentar, à medida que a pressão dos números vai ditando as suas leis (cf. O.C.D.E. 1987, p.95). Esta opinião é partilhada por Pérez (in Balcells, 1985, p.14), quando afirma que um dos factores para a eventual crise universitária é, precisamente, a impreparação dos estabelecimentos de ensino superior universitário, perante a procura maciça de que são alvo. Esta onda massificadora é, aliás, perfeitamente actual no ensino universitário português.

Adoptando uma metodologia de análise de índole temporal, tal como nos é sugerido por Hopkins, 1974; Stafford *et al.*, 1984; Mora Ruiz, 1989 (in Mora Ruiz, 1989, p. 362), poder-se-á facilmente deduzir que a procura do ensino superior universitário é uma consequência directa da extensão do sistema educativo ao nível do ensino secundário, bem como um indicador do desenvolvimento económico de

<sup>1</sup> Universidade de Évora

um país (Mora Ruiz, 1989, p. 362). É extremamente importante, na realidade, o papel exercido pelo nível educativo atingido por uma determinada população, na procura de educação pelas gerações mais jovens. São duas realidades directamente proporcionais.

Não procurando uma explicação mais detalhada nas teorias do capital humano, do credencialismo ou da segmentação, teorias gerais que explicam a procura do ensino superior (Mora Ruiz, 1989, p.352), somos de opinião de que existirão alguns factores endógenos que poderão, eventualmente, explicar a situação de crescimento quase exponencial que se verificou na frequência do ensino superior em Portugal, nos últimos anos: (i) *factor político*, que se traduziu numa série de decisões de cariz essencialmente político, que tinham e têm como principal objectivo aproximar as taxas de frequência do ensino superior português, das taxas verificadas nos restantes países da Comunidade Europeia; (ii) *factor sócio-económico-profissional*, que se identifica na taxa de retorno que a frequência do ensino superior gera. Retorno de investimento não só cultural, mas principalmente profissional e social; (iii) *factor geográfico*, que se consubstancia no facto de, actualmente, existirem estabelecimentos de ensino superior em todos os distritos de Portugal, um panorama bem distinto do que se verificava há apenas vinte anos. A educação superior aproximou-se geograficamente do local de origem dos alunos o que, no plano económico-familiar, teve uma influência muitas vezes determinante na opção de prosseguir os estudos, após a concretização do ensino secundário; (iv) *factor concorrencial*, que decorre da nova realidade do ensino superior português, na qual competem em autêntico regime de mercado instituições de ensino públicas e privadas; (v) *factor não selectivo*, consequência do facto de, actualmente, a oferta de ensino superior se aproximar vertiginosamente da procura, o que acarreta o acesso virtual a praticamente todos os candidatos; (vi) *factor familiar*, que resulta de um aumento global dos rendimentos da generalidade das famílias portuguesas, nas últimas duas décadas, o que permitiu evitar, em alguns casos, o desvio precoce do jovem para a actividade produtiva.

A igualdade de oportunidades, que se tem vindo a verificar no acesso ao ensino superior português, terá, como é óbvio, algumas causas e consequências. A principal origem da radical alteração, verificada na política educativa em geral e no ensino superior em particular, encontrar-se-á inevitavelmente num novo projecto social. A genealogia entre escola e sociedade tem sido, aliás, um facto irrefutável desde sempre. Daí que comunguemos do pensamento de Jacques Ardoino (in Postic, 1984, p.30), o qual refere que nunca poderá ocorrer uma mudança real da escola e dos mecanismos de formação sem que um projecto de uma nova sociedade lhe venha dar sentido, pois não é possível conceber uma mudança social profunda sem se concederem os meios adequados para uma educação apropriada à sua promoção. É, pois, neste despontar dos novos projectos social e educativo que a Universidade portuguesa se encontra.

Uma das consequências deste novo projecto traduzir-se-á, inevitavelmente, numa redefinição do papel da instituição universitária, na sociedade portuguesa do presente e do futuro. Concordamos de certa forma com Girod De L'aino e Lichnerow (1970, p.18) quando estes afirmam que, além da sua missão positiva traduzida na formação dos indivíduos, a Universidade está inconscientemente encarregada pela sociedade, duma nova e negativa função: a de conservar os jovens o maior tempo possível fora do circuito produtivo. O aumento generalizado que se verificou no número de anos lectivos necessários para se conseguir um diploma e a

proliferação, nem sempre criteriosa, a que se assiste actualmente de propostas de graduação (e pós-graduação) constituem, eventualmente, uma das provas da tal afirmação.

### O aluno universitário

O perfil do aluno universitário tem conhecido constantes alterações, as quais resultam não só do acesso à Universidade de indivíduos oriundos de todos os estratos socio-económicos, como também da redefinição já mencionada do papel e função da Universidade, no presente. Não será certamente fácil traçar o perfil padrão dos alunos que acedem às Universidades portuguesas, hoje em dia. Oriundos, geograficamente, de todo o país, socialmente, de todas as camadas, apresentando, do ponto de vista académico, uma amplitude desmesurada de classificações de entrada, encarando a Universidade sob as mais diversas perspectivas e encerrando projectos de vida por vezes muito diferentes, os alunos universitários debutantes constituem uma população bastante heterogénea, bem diferente da élite que chegava a esta instituição, ainda há poucos anos. Apesar destas transformações, há traços que se mantêm, não pertencendo ainda ao passado a caracterização proposta por Dionísio Fuertes (in Nérici, 1967, p.57). O aluno universitário caracterizar-se-ia por ser: "jovem que se situa, na sua maioria, na faixa de idade entre os 18 e 25 anos e que, nas suas linhas gerais, é o seguinte: 1- Emocionalmente imaturo e inseguro, mas sumamente cioso de todas as prerrogativas do homem completo que ele aspira ser. 2- Extraordinariamente susceptível e com reacções violentas contra quem intente roubar-lhe essas prerrogativas. 3- Mostra-se, ao contrário, generoso e franco para quem demonstrar respeito por elas. 4- Grande capacidade de entusiasmo, que pode tomar dois rumos: a) aplicar-se aos estudos; b) desviar-se para outros problemas de maior ou menor importância."

Interessante e em certa medida actual é a caracterização efectuada por Nérici (1967, p. 58), que transcrevemos parcialmente: "1- Amadurecimento mais rápido para uma série de funções sociais pois, enquanto o estudante de ontem fugia ou não tinha consciência de várias situações, hoje, ele vai ao encontro delas (...); 2- Abandono do formal pelo funcional. O jovem de ontem procurava a universidade mais para ganhar um título, mas hoje ele procura uma profissão pela qual possa realizar-se pessoal e socialmente; 3- Espírito crítico mais desenvolvido, como fruto de maior escolaridade e maior democratização na vida familiar e social e também como consequência da aplicação de novos métodos de ensino que fazem ênfase no educando; 4- Aspirações para participar na vida social e no futuro da sua própria vida. Assim, aspira a ser participante e não espectador na sociedade (...); 5- Fortes preocupações económicas, profissionais e político-sociais (...); 6- Sente a sociedade como um todo e não mais pela sua classe social ou pelas suas conveniências (...) estão adquirindo uma capacidade precoce mesmo, em ver a totalidade da vida social, libertando-se das atrofias e limitações preconceituosas. 7- Desejo de realização (...) criar e não somente copiar ou imitar, daí o seu interesse pela formação científica e pela pesquisa; 8- Aspira à compreensão científica dos fenómenos para neles poder actuar; (...) 10- Desejo de melhores relações com os seus professores, com quem possam discutir seus problemas, suas inquietudes, suas ambições, mas em plano elevado. Espera, na verdade, receber orientação. Daí a necessidade de o professor mudar de atitude para com o novo

*estudante, passando a dialogar e conviver com ele, porque, apesar de toda a aparente auto-suficiência, o jovem está dominado pelas dúvidas e preocupações esperando por quem o compreenda, o esclareça e o oriente, mas com espírito de cooperação e bondade".*

Estamos fortemente convictos de que, não obstante a data da caracterização supra-citada, é evidente a sua actualidade relativamente ao contexto universitário português. A tentativa de determinar o carácter do aluno universitário fez naturalmente brotar algumas propostas de tipologia, de entre as quais salientaremos a de Gordon (in Nérici, 1967, p. 60): "*Estudante sem motivo - que não responde com entusiasmo a nenhuma forma de ensino (...) é quase sempre, estudante que ingressa na universidade por empenho dos pais, não sentindo, ele mesmo, nenhum interesse nos estudos (...); Estudante bem dotado - Caracteriza-se por muita capacidade unida a muita motivação (...); Estudante autoritário - Aquele que parece preferir a repetição, a memorização em lugar da discussão. Crê (...) que ser bom é ser obediente (...)*".

Uma outra proposta de tipologia é avançada pelo próprio Nérici (1967, p. 61 e 62): "*1- Estudantes com capacidade, mas sem interesse universitário, uma vez que a sua motivação primordial se encontra fora da universidade; 2- Estudantes sem maturidade sócio-emocional, fazendo da universidade uma continuação do colégio, por isso mesmo mais preocupados com os pontos da matéria e os pontos das notas de que com o conteúdo da matéria ou com as habilidades específicas necessárias para um bom desempenho profissional; 3- Estudantes idosos, sem interesses sociais, científicos ou profissionais maiores, a não ser a satisfação de realizarem um sonho acalentado na juventude, de darem exemplo de tenacidade aos filhos ou mesmo, em atitude de afirmação, para mostrarem que são ainda capazes; 4- Estudantes desajustados nos cursos que escolheram e que não os deixam para não perderem o tempo já empatado (...); 5- Estudantes não-capazes, mas teimando em se formar, porque acham que o curso que estão fazendo corresponde à sua vocação; 6- Estudantes com capacidade e ajustados aos seus cursos e almejando a uma formação profissional eficiente, a fim de, eficientemente, actuarem na sociedade".*

Uma vez mais se nos afigura bastante actual a tipologia de Nérici, se nos reportarmos ao ensino universitário português e se acrescentarmos uma nova categoria: a dos estudantes motivados para cursos diferentes daqueles em que foram colocados em função dos *numerus clausus* e dos concursos de acesso. Na realidade, a instituição universitária é uma das maiores incógnitas do percurso académico de qualquer aluno. Misteriosa porque procurada, mas simultaneamente receada. A entrada na Universidade é, para muitos jovens, um sinónimo de sucesso pessoal. Um êxito académico só comparável ao que sucede quando dela saírem, no final da sua carreira como discentes. Com o acesso ao ensino superior conclui-se um ambicioso projecto académico. Mas, este contacto formal com uma realidade até então tão desejada quanto desconhecida, representará, concomitantemente, o início da concretização de um, ainda mais ambicioso, projecto de vida: tirar um curso.

#### *A dimensão axiológica*

Nesta perspectiva e como já fizemos referência, os jovens portugueses, que acedem ao ensino superior, caracterizam-se-ão, em primeira instância, por uma acentuada heterogeneidade a todos os níveis. A entrada na Universidade, em nossa

opinião, mais do que o início de um novo ciclo na trajectória académica discente, representará, fundamentalmente, a conclusão de uma etapa bem sucedida de um projecto de vida, que tantas vezes tomou a forma de um sonho. Entrar para a Universidade continua a ser sinónimo de aquisição de um certo estatuto social, apesar de ser cada vez menos uma garantia de sucesso profissional. São precisamente estes dois factores, aqueles que mais directamente concorrerão para a exibição do hedonismo, como um dos valores mais importantes dos estudantes universitários portugueses (Menezes, Costa & Paiva Campos, 1989, p.58). Um hedonismo que não repousa num epicurismo ascético, bem pelo contrário: deseja-se o prazer e o desafio, a estimulação e o risco. Ser-se estudante universitário parece, cada vez mais, ser sinónimo de um ciclo da vida que é necessário festejar e do qual há que tirar o maior prazer possível. Até porque depois, muitas vezes, é o desemprego que aguarda, serenamente, o jovem licenciado ou bacharel.

A maturidade, os aspectos sociais e relacionais, o sucesso conformista e a manutenção da tradição são outros dos conjuntos de valores encontrados na população universitária portuguesa (Menezes, Costa & Paiva Campos, 1989, p.53). Outros valores farão, no entanto, parte do sistema axiológico dos jovens universitários portugueses da actualidade, sendo o neo-individualismo referido por Vala (1986, in Menezes, Costa & Paiva Campos, 1989, p.64) aquele que, de acordo com a nossa opinião e a nossa experiência e juntamente com os referidos no parágrafo anterior, melhor caracterizarão a referida população discente. Citemos a este propósito Vala (1986, p. 26, in Menezes, Costa & Paiva Campos, 1989, p.64): "será que a par do que parece ser a emergência de uma elevada procura de autonomia pessoal, se regista igualmente o crescer de um sentimento de impotência, de ausência de controle dos fenómenos sociais e políticos? Se é assim, compreende-se que percam saliência os valores da iguadade, de solidariedade e de intervenção social e que se tornem objecto de valor as estratégias individuais de resolução dos problemas". Este individualismo parece-nos constituir um traço axiológico, cada vez mais saliente, da população universitária portuguesa. Uma realidade que não tem a sua génese neste ciclo de estudos, mas que desponta bastante mais precocemente, aparecendo inclusivamente ao nível do ensino básico.

Com trajectórias bastante diversificadas, origens socio-económicas de grande amplitude, encerrando ambições distintas e regendo-se por um conjunto de valores pouco propensos a um relacionamento social baseado na empatia e na solidariedade, é perfeitamente natural que os alunos universitários encerrem projectos académico e de vida pouco coincidentes com os dos seus colegas e muitas vezes pouco compatíveis com o curso em que se encontram. Este será, eventualmente, na nossa opinião, o facto mais comum no foro da comunidade discente portuguesa. O mais comum e o mais perverso, pois se virtualmente todos terão acesso ao ensino superior, apenas uma minoria aí frequentará o curso que desejava. Aumentaram-se, concomitantemente, as taxas de frequência do ensino superior e de alunos desajustados (cf. tipologia de Nérici, p.13). Concordamos, uma vez mais com Fuertes (in Nérici, 1967, p.57) quando este afirma que o facto de muitos estudantes seguirem cursos, que não atendem à sua vocação e aptidões, é outro factor de desvio das finalidades formadoras da Universidade.

#### *A dimensão vocacional*

De todos os processos vitais do indivíduo - desenvolvimentos físico, intelectual, emocional, social e vocacional - que suportam o seu desenvolvimento

integral (Quesada & Pereira, 1991, p.96), a dimensão vocacional do aluno será, eventualmente, aquela que mais directa e fortemente pode ser afectada, com a sua entrada na instituição universitária. Pressupondo que a entrada na Universidade corresponderá mais à conclusão do que ao início de um projecto, pensamos que tal facto se repercutirá no desenvolvimento vocacional, de quatro formas possíveis: 1 - *o desenvolvimento vocacional é reforçado positivamente pela entrada na Universidade*, uma vez que o aluno ingressou e irá frequentar um curso adequado e compatível com as suas aptidões e projectos académico, profissional e de vida; 2 - *o desenvolvimento vocacional é estrangulado pela entrada na Universidade*, o que ocorre quando o aluno ingressa e frequenta um curso não adequado, nem conciliável com as suas aptidões e projectos; 3 - *o desenvolvimento vocacional reinicia-se com a entrada na Universidade*, quando o debutante afina, com base nas experiências vividas no ensino superior, os seus projectos profissional e de vida; 4 - *o desenvolvimento vocacional sofre um processo de adaptação às circunstâncias criadas pela Universidade*, se o aluno redefine as suas aspirações e reelabora os seus projectos profissional e de vida, tentando dessa forma adaptar-se aos condicionalismos resultantes do acesso e frequência de um curso, que não se adequa à sua preferência.

Esta é uma nova realidade, para a qual a Universidade ainda não está eventualmente, sensibilizada e que, na nossa opinião, condiciona decisivamente o ambiente que se vive hoje nesta instituição, em Portugal. A considerável variedade de estudantes que, ano após ano, chega ao ensino universitário, precisa de ser recebida e orientada pela Universidade, razão pela qual, esta deverá assumir uma postura concomitantemente séria, simpática e compreensiva. A instituição universitária deverá exhibir uma atitude cada vez mais humana e humanizante perante os seus alunos, ajudando cada qual a encontrar o seu caminho na vida. Defendemos, tal como Nérici (1967, p.62), a necessidade de existir no âmbito universitário uma nova dimensão: a da *orientação educativa e profissional*. A escolha vocacional implica um novo papel para o aluno universitário: o de adulto (Quesada & Pereira, 1991, p.95) e requer a posse de um conhecimento ajustado à realidade de si mesmo e dos ensejos que se lhe oferecem numa determinada conjuntura. No entanto, a estrutura escolarizada da vida universitária, em geral, não toma em consideração o estudante como sendo um adulto capaz de tomar decisões e de se auto-dirigir (Saint Bonne, 1991, p.140). A incapacidade da Universidade em responder às crescentes necessidades dos seus alunos, neste particular importante domínio, afectará irremediavelmente, em nossa opinião, a formação do aluno universitário, uma vez que esta só poderá ganhar verdadeiramente sentido quando puder ser integrada no percurso de vida de cada um (Moreira, 1993, p.11). Não será contestável que, neste momento, é perfeitamente notória a adaptação protagonizada por uma larga camada da população universitária, no sentido de amenizar as suas perspectivas profissionais, quer definindo-as por referência ao grupo social de origem de cada indivíduo (Merton, in Postic, 1984, p.49) quer baixando os custos dos seus estudos, nomeadamente reduzindo drasticamente o tempo a eles consagrado (Jarousse, 1984, p.193). Talvez agora já não nos surpreenda tanto que o hedonismo, o sucesso conformista e o individualismo sejam, entre outros, valores que caracterizam a comunidade discente universitária.

Este complexo problema vocacional, recente em Portugal, é, no entanto, menos jovem nos sistemas educativos de outros países, nomeadamente nos pertencentes ao espaço geográfico correspondente à União Europeia. Em França

por exemplo, há já cerca de uma década, que grande número de estabelecimentos de ensino universitário, têm em funcionamento um conjunto de actividades de cariz sistémico e interdisciplinar de acolhimento aos seus debutantes, no sentido de lhes proporcionar um ingresso humanamente adequado, como também uma orientação académica e profissional, que reduza significativamente a taxa de alunos desajustados aos cursos frequentados. Os S.C.U.I.O. (*services communs universitaires d'information et d'orientation*), existentes em grande número de universidades francesas, traduzem esta nova atitude da instituição gaulesa, no sentido de se tentar adaptar, de forma personalizada, aos seus novos estudantes (Incyan, 1988, pp.60-63; Garin, 1988, p.66). Também nos Estados Unidos da América, há muito tempo que as Universidades evidenciam esta postura adaptativa de cariz personalizadora (Stern, 1992, p.20) se bem que através de mecanismos diferenciados, uma vez que as características da população universitária são também diferentes, nomeadamente no que se reporta à sua superioridade.

#### *Um estudo feito de muitos casos*

A pesquisa que efectuámos tinha como grande finalidade verificar quais tinham sido as consequências, na dimensão vocacional dos indivíduos, da sua entrada na Universidade, bem como caracterizar a opinião destes acerca do papel da orientação vocacional (escolar e/ou profissional) nos seus percursos académicos. O processo de investigação abrangeu uma amostra aleatória de 40 indivíduos que frequentam o primeiro ano de alguns dos cursos de Licenciatura da Universidade de Évora, no ano lectivo 1995/96. Foram efectuados questionários constituídos exclusivamente de questões de resposta livre, tendo os dados assim obtidos sido alvo de análise de conteúdo. Em termos de amostra verificou-se que 55% eram do sexo feminino e 45% do masculino; 65% tinham idade inferior a 20 anos, 25% entre 20 e 25 anos, e 10% acima de 25 anos. (a quase totalidade dos alunos ou seja 90% eram casados).

Os resultados que se apresentam complementam os que havíamos apresentado em 1995, no VI Colóquio da APELF/AFIRSE, realizado na Universidade de Lisboa (NICO, s/d).

### **Resultados**

Apresentamos, em seguida, os resultados que obtivemos a partir da análise de conteúdo que foi efectuada a partir das respostas dadas às questões constantes do questionário a que responderam os discentes que constituíram a amostra seleccionada. Optámos por apresentar como título dos diferentes quadros a que recorremos, as questões que foram, na realidade, objecto de resposta por parte dos respondentes.

Quadro 1 - Qual o momento da sua vida em que tomou uma opção?

Ensino Básico	31%
Ensino Secundário	23%
12º ano	46%

Como facilmente se pode depreender da análise do Quadro I, nenhum dos respondentes afirma ter tomado decisões após a frequência do ensino secundário. Foi neste Ciclo de ensino que todas as opções foram tomadas. Mais à frente, nesta análise, iremos ver que não será bem assim.

Quadro II - Sentiu necessidade de recorrer à Orientação Escolar e Vocacional durante o Ensino Secundário?

	Alunos na 1ª opção	Alunos que não frequentam a 1ª opção
Sim	33%	14%
Não	67%	57%
Não responde	-	29%

Da leitura da informação que se encontra expressa no quadro atrás indicado, verificamos que, apesar de todos os respondentes terem afirmado que decidiram acerca das opções a tomar durante o ensino secundário, nem todos os frequentaram sessões de orientação escolar e vocacional (apenas 25 % dos inquiridos refere ter participado em tal, de acordo com o Quadro III) o resultado, eventualmente, de não terem sentido necessidade de tal (cf. Quadro II). Acrescente-se que 65% dos alunos refere estar a frequentar o curso correspondente à sua 1ª opção.

Quadro III - Frequentou sessões de Orientação Escolar e Vocacional enquanto aluno(a) dos Ensinos Básico e Secundário?

	Alunos na 1ª opção	Alunos que não frequentam a 1ª opção
Sim	31%	14%
Não	69%	86%

De realçar alguns aspectos relacionados com a informação apresentada. Em primeiro lugar, o facto de os alunos que frequentam o curso que escolheram como primeira opção não frequentaram, na sua maioria, sessões de orientação escolar e vocacional. Em segundo lugar, de referir um aspecto que julgamos ser interessante: todos os alunos que se encontram casados, se encontram no curso que escolheram prioritariamente. Para concluir um dado que não pode nem deve passar sem ser reforçado e que tem a ver com o facto de um terço dos inquiridos não frequentar o curso dos seus sonhos, com todas as consequências vocacionais que daí poderão advir.

Curioso, ou não, foi o facto de nesta amostra *ninguém querer mudar de curso*, até porque existe uma satisfação generalizada com a situação presente. Um forte indício de uma séria tentativa de adaptação, por parte de quem não frequentou o curso que mais desejava. Um processo adaptativo que tem, certamente, na sua base uma decisão assumida já na Universidade, o que contradiz um pouco o que atrás, é afirmado. Esta posição é justificada pelos alunos dizendo "estar satisfeito com o curso actual" (69%) e o "possuir boas perspectivas de saída profissional com o actual curso" (31%).



Quadro IV - Possui um conhecimento adequado do plano de estudos e das eventuais saídas profissionais do curso que frequenta?

	Alunos na 1ª opção	Alunos que não frequentam a 1ª opção
Sim	85%	100%
Não	15%	- %

Dois dados curiosos a extrair da informação que transparece do Quadro V: o primeiro, que se prende com o facto de 100% dos discentes que não se encontram no curso da sua eleição afirmar que conhece bem o plano de estudos do curso que frequenta; ao contrário 15% dos que frequentam o curso que escolheram como primeira opção, referir que desconhece o referido plano de estudos.

Quadro V - Como tomou conhecimento do plano de estudos e das eventuais saídas profissionais do curso que frequenta?

Universidade	30%
Docentes do Ens. Secundário	23%
Literatura informativa	15%
«Forum Estudante»	7%
Alunos de anos posteriores	7%
Familiares	7%
Profissionais da área	6%
Amigos	5%

Aspecto interessante de referir é o que se prende com o facto de grande número de alunos referir que foi na própria Universidade que obteve a informação respeitante ao curso que frequenta bem como no que às respectivas saídas profissionais diz respeito, o que poderá sustentar a ideia que seria apropriada a existência, nestes estabelecimentos de ensino, nomeadamente na Universidade de Évora, de uma estrutura orgânica directamente relacionada para o atendimento discente, neste âmbito específico. De realçar também, pela importância das frequências apresentadas, o papel que os docentes do Ensino Secundário parecem ter neste processo de informação sobre o Ensino Superior. Neste contexto poderão, eventualmente, assumir uma importância decisiva os directores de turma. Assim sendo, deveriam estes professores ter acesso privilegiado à informação respeitante ao ingresso no Ensino Superior, de forma a disponibilizá-la adequadamente aos alunos das suas turmas de direcção.

Quadro VI - Acha necessária a existência de Orientação Escolar, Vocacional e Profissional na Universidade?

	Alunos na 1ª opção	Alunos que não frequentam a 1ª opção
Sim	23%	- %
Não	54%	57%
Não responde	23%	43%

Dado curioso a reter, é o que resulta do facto de apenas os alunos que frequentam o curso que escolheram como primeira opção, acharem necessária a existência de orientação escolar, vocacional e profissional na Universidade. Se apenas 15% dos respondentes acham tais serviços necessários, também não é menos verdade que só 55% os não acham necessários.

Quadro VII - Porque sente necessidade de Orientação Escolar, Vocacional e Profissional na Universidade?

Para esclarecer dúvidas de vocação	50%
Para auxiliar na aprendizagem	25%
Porque é importante para o futuro	25%

Metade dos alunos que se pronunciaram pela necessidade da existência da orientação escolar, vocacional e profissional, sustentam essa posição pelo facto de, como referiram, terem dúvidas de vocação. Interessante também o papel que os serviços de orientação poderiam assumir como auxiliares da aprendizagem, de acordo com um quarto dos respondentes referidos. De salientar, ainda, que os alunos que não sentem necessidade de Orientação Escolar, Vocacional e Profissional na Universidade o justificam através de "já se conhecerem as saídas profissionais" (25%) ou "não ser relevante" (75%). Para todos aqueles que haviam classificado a existência da orientação escolar, vocacional e profissional, como não necessária (cerca de 55%, de acordo com os dados do Quadro VII) a justificação apresentada radica na ausência de relevância face à sua situação actual. Este facto poderá induzir-nos a considerar que estes alunos se encontram adaptados às suas circunstâncias, apesar de, alguns deles, terem referido que se encontram a frequentar um curso que não foi o que haviam escolhido em primeira opção.

### Concluindo...

De acordo com a informação que recolhemos e não efectuando qualquer tipo de generalizações que, dada a dimensão da amostra, nos parecem ser evitar, verificamos que, para a maioria dos alunos com quem contactámos, a entrada na Universidade terá correspondido a mais um patamar que se ultrapassou na consecução dos objectivos que fazem parte do seu próprio projecto de vida. No entanto, para alguns dos respondentes o acesso ao ensino superior representou a redefinição do seu projecto vital ou até mesmo a assumpção de um novo projecto. Para os primeiros o acesso à Universidade significará um reforço vocacional. Para os segundos essa etapa das suas vidas denotará um, por vezes aparentemente pacífico, processo individual de adaptação vocacional. É nossa opinião de que fará também parte das responsabilidades da instituição universitária, no momento presente, acompanhar de forma adequada aqueles seus alunos que, de alguma forma se encontram neste processo de adaptação.

A orientação vocacional, profissional e educativa poderá ter um papel importante a desempenhar na Universidade dos nossos dias, nomeadamente para todos aqueles jovens que carecem urgentemente de dar um rumo aos seus projectos de vida, académicos e profissionais, nos quais se possam rever de forma autêntica. Muitas vezes temos necessidade de ser aquilo que efectivamente desejamos ser. O

problema aparece quando não sabemos o queremos ser ou quando temos a consciência de que iremos ser aquilo que nunca quisémos ser. É difícil existirem pessoas felizes desta forma.

### Referências

- Balcells, J. & Martin, J. L. (1985). *Os métodos no Ensino Universitário*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bircaud (1990). *Les méthodes pédagogiques dans l'enseignement supérieur*. Paris: Éditions d'Organization.
- Bobasch, M. (1988). Les universités d'été à l'heure du bilan: Les professeurs des élèves exigeants. *Le Monde de L'Éducation*, Nov., 21-24.
- Debbasch, Ch. (1971). *L'Université Désorientée*. Paris: P.U.F.
- Girod De L'Ain, B. & Lichnerowicz, A. (1972). Formation initiale et formation ultérieure - L'allongement démesuré des études supérieures, obstacle majeur à l'éducation permanente. In B. Girod De L' Ain (Ed.), *Vie active et Formation Universitaire - Actes du Colloque d'Orleans*. Paris: Dunod.
- Inciyan, E. (1988). Plus proche des étudiants. *Le Monde de l'Éducation*, Nov., 66.
- Jarousse, J. P. (1984). Les contradictions de l' Université de masse, dix ans après (1973-1983). *Revue Française de Sociologie*, XXV, 191-210.
- Menezes, I., Costa, M. & Paiva Campos, B. (1989). Valores de estudantes universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.
- Nico, J. B. (1995). *A Relação Pedagógica na Universidade: Ser-se caloiro* [dissertação de Mestrado]. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Nico, J. B. (s/d). A identidade vocacional em alunos universitários: um estudo de casos. *Actas do VI Colóquio da APELF/AFIRSE*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Nérici, I. (1967). *Metodologia do Ensino Superior*. S.Paulo: Ed. Fundo de Cultura.
- Mora Ruiz, J. (1989). La demanda de education superior: Una revisión de estudios empíricos. *Revista de Educacion*, 288, 351-375.
- O.C.D.E. (1987). *Que futuro para as Universidades*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Postic, M. (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Quesada, M. & Pereira, M. (1991). Algunas actitudes y comportamientos de la tarea de especificación en el desarrollo vocacional de estudiantes universitarios. *Revista Educacion de la Universidad de Costa Rica*, 15(1), 95-103.
- Saint-Bonne, M. (1991). Acerca de la integración de estudiantes, profesores y comunidad. *Revista Educación de la Universidad de Costa Rica*, 15(1), 139-145.
- Stern, M. (1992). La nouvelle majorité: Une population d' étudiants plus âgés et son incidence sur l' université d' aujourd'hui. *Gestion de l' enseignement supérieur*, 4 (1), 15-31.
- Williams, G. (1978). Ver's l' éducation permanente: un rôle nouveau pour les établissements d' enseignement supérieur. Paris: U.N.E.S.C.O.